

## TAMBORES E TAMBORZINHOS: APRENDIZAGEM, AFETO E RELACIONALIDADE.

**LUIZA SPINELLI PINTO WOLFF<sup>1</sup>**; LOREDANA RIBEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL/PPGA – luiza.spw@gmail.com

<sup>2</sup>UFPEL/PPGA – loredana.ribeiro@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Desenvolvo uma pesquisa de arqueologia do presente (GONZÁLEZ RUIBAL 2003, 2012) em casas de religiões afro-brasileiras em Pelotas/RS, buscando problematizar a rede de interações dos objetos rituais ao analisar as relações entre o mundo material e as pessoas. Neste artigo proponho uma reflexão acerca do tambor, associado ao *alabê* da casa (tamboreiro), e do tamborzinho, associado ao filho carnal deste, dentro do "Reino de Iemanjá e Oxalá", de nação cabinda, e do "Centro Espírita Umbandista Cacique Mãe Iara e Cabocla Jurema", ambas localizadas em Pelotas/RS. Alinhada com a proposta da virada ontológica (DESCOLA, 2012; LATOUR, 1994; LAW, 1992; STRATHERN, 1996) proponho discorrer sobre as ontologias do coletivo pesquisado para, neste modo, formular uma análise contra-hegemônica e reapropriar as pessoas de religião das narrativas acadêmicas sobre seus objetos rituais.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é uma etnografia dos objetos observados nas casas de religião "Reino de Iemanjá e Oxalá" e "Centro Espírita Umbandista Cacique Mãe Iara e Cabocla Jurema", chefiadas pela mãe Rejane D'Iemanjá. Sigo a proposta da virada ontológica por meio da abordagem do Ator-Rede e da arqueologia do presente. A abordagem do ator-rede convida a seguir os objetos e deixar os atores surgirem por meio das suas conexões dentro da rede, deslocando a perspectiva humanocêntrica da ciência moderna. A partir do mapeamento da rede intrincada de relações entre humanos e não-humanos, podemos compreender a agência dos objetos rituais, posto que a agência dos objetos é relational e alguns objetos não a possuem. As redes de interações, por serem heterogêneas, devem ser descritas e analisadas atribuindo de maneira simétrica a atuação de humanos e não-humanos (LATOUR, 1994; LAW, 1992; STRATHERN, 1996). Arqueologia do presente é a observação dos elementos materiais no presente permitindo problematizar as especificidades dos objetos sem necessidade de analogias etnográficas e sem limites temporais (GONZALEZ RUIBAL 2003, 2012). Sendo assim uma crítica a noção de tempo moderna, os limites temporais são uma construção moderna para a passagem do tempo, uma forma de historicidade (LATOUR, 1994; RIBEIRO, 2014).

Para a virada ontológica, existem diferentes ontologias que são as maneiras de compreender a relação entre humanos e não-humano. Para buscar uma compreensão ontológica dos coletivos pesquisados, sigo as ideias de Descola (2012), na qual a diferenciação entre a natureza e cultura se dá de várias

formas entre os coletivos ao redor do mundo, no presente e no passado. O autor problematiza acerca das quatro ontologias - naturalismo, analogismo, totemismo e animismo - que são consideradas por ele as diferentes formas como os coletivos entendem a relação entre fisicalidade e interioridade (DESCOLA, 2012). Uma vez delineada a rede atual de interações humanos-objetos no ritual por meio da abordagem ontológica, pode-se compreender quem são esses não-humanos que permeiam o mundo material religioso.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seu Zé Carlos, marido da mãe Rejane, fez dois pequenos tambores para os seus netos: um para o Henrique e outro para o Gustavo. O corpo do tambor é um cano de PVC cortado e os dois lados são fechados por couros. O couro é fixado entre dois arcos de metal, um tramado com corda de algodão que forma argolas e outro sem trama. Outra corda passa nas argolas e une as duas extremidades de couro, formando uma trama que atravessa o corpo do tambor. Os pequenos tambores são "crus", isto quer dizer que não receberam *axorô* (sangue dos animais sacrificados), como me definiu Eduardo D'Óxalá, *alabê* da casa. O tambor deve ser cru quando a pessoa é "crua" para a religião, isto quer dizer: nenhum dos dois é iniciado ao culto dos orixás e não receberam o *axé* do *axorô*. Porque quando os atores se relacionam, eles devem compartilhar o mesmo *axé*.

Henrique, filho de Eduardo, está em processo de aprendizado, os olhos e a mente estão atentos para fazer o corpo responder de maneira similar aos estímulos visuais e sensoriais, sendo assim a necessidade de elaboração é grande porque a sua prática da habilidade está sendo formada (INGOLD, 2010). Por mais que Henrique toque no tambor do seu pai em alguns momentos, o fato de ter o seu pequeno tambor é importante na construção do aprendizado. O tamborzinho pode crescer junto com o Henrique, sendo este pequeno tambor proporcional ao seu tamanho para simular a proporção entre um adulto e um tambor. O aprendizado passa se tornar uma brincadeira, que afinal, é muito mais interessante que algo feito por um professor formal, principalmente para uma criança. Ao atentar aos movimentos de uma pessoa experiente, que os produz sem elaboração, de maneira até despretensiosa, aquele exemplo é copiado de maneira criativa no pequeno tambor. Até mesmo porque a brincadeira permite a questão lúdica, essencial para a criatividade e para a "educação por atenção" (INGOLD, 2010).

Estas questões enfatizam como as crianças, adolescentes e recém iniciados são inseridos no mundo das técnicas no âmbito religioso. As crianças, assim como os recém iniciados, em relacionalidade com elementos heterogêneos adquirem o conhecimento técnico de como cultuar os orixás na nação cabinda e as entidades na umbanda. Porque não é só tocar o tambor que se aprende observando os gestos das mãos e os movimentos do corpo, porém toda a forma de louvar e cultuar os orixás e as entidades também é aprendida. Neste sentido, "Isto é possível porque o movimento corporal do praticante é, ao mesmo tempo, um *movimento de atenção*; porque ele olha, ouve e sente, mesmo quando trabalha" (INGOLD, 2010, p. 18).

O tambor grande é comprado em lojas de artigos religiosos e é iniciado, ou preparado, quando o couro recebe o sangue dos sacrifícios rituais, podendo, assim, ser tocado para os orixás e as entidades. O tambor é alimentado pelo

axorô no momento dos sacrifícios rituais e fortalece o objeto e o elo entre este, o *alabê* e as divindades. Creio que além de fortalecer o elo, ele ganha vida (INGOLD, 2006). Assim como o tambor, o couro - que pode necessitar ser trocado - é comprados em loja de artigos religiosos. Para trocar o couro dos tambores, a corda que fica no corpo do tambor é retirada das argolas das duas extremidades. Quando retirada, o corpo do tambor fica a mostra e os dois lados são retirados. Interessante que só o corpo do tambor perde o sentido de todo o objeto. O novo couro deve ser curtido em água fervente com vinagre. Depois de amolecer, ele é colocado entre duas argolas de metal ficando bem esticado e encaixado nas duas extremidades do corpo do tambor, de modo similar aos pequenos tambores que expliquei anteriormente. O couro deve ser dobrado e segurado para uma argola entrar entre o couro e a outra argola, sendo assim um trabalho que exige além de jeito, suporte e força.

O tambor deve ser afinado antes de todos os rituais. Isto porque no fim de qualquer ritual o tambor é deixado "xoxô", ou seja, com as cordas soltas. Ao afinar, o *alabê* está aprontando o tambor para o ritual. Não é uma questão meramente sonora, porém está mais relacionado à questão energética. O tambor deve iniciar os rituais sem energias negativas externas. Eduardo relatou que o tambor não pode ser afinado em casa e depois levado para outro lugar para ser tocado. Deste modo ele não é efetivo, porque poderá levar energias externas aquele ritual, das pessoas e do ambiente.

O tambor, segundo o relato de Eduardo, tem a capacidade de filtrar as energias negativas trazidas pelas pessoas que entram no terreiro. Durante umas três sessões seguidas ouvi o Eduardo dizer que seu tambor estava muito pesado e isso se devia as energias negativas que o tambor havia filtrado. Em uma sessão de umbanda para Exu, no qual houve uma limpeza, uma das médiums bateu a cabeça e formou um grande galo no seu supercílio. Durante essa sessão havia muitas energias negativas agindo e segundo a fala de Eduardo, ele teve que "espantar" as energias negativas com determinados toques. Segundo ele, essa é uma das funções mais importantes do tamboreiro: saber conduzir o ritual de maneira efetiva. Por meio dos toques certos, o *alabê* faz o tambor emitir os sons e filtrar o ambiente e as pessoas. O tambor é um objeto pessoal e intransferível, somente pode ser tocado por outra pessoa em caso de necessidade. Em outra ocasião, Pai Ogum<sup>1</sup> disse, em uma conversa com alguns filhos da casa, ao ser perguntado por Eduardo porque existia o *alabê*, que ele é importante porque os orixás respondem ao tambor. Assim que eles ouvem as suas rezas eles vêm ao Aié<sup>2</sup>, ficam satisfeitos e dançam. É notável que quando os orixás chegam, após irem à porta de entrada do salão e ao quarto de santo<sup>3</sup>, eles vão até o *alabê*. Portanto, o tambor "afeta" (RABELO, 2009) a todos que estão nos rituais, filtrando energias negativas, fazendo os orixás virem e dançarem, agradando as entidades, afetando o comportamento corporal do *alabê* e reverberando dentro das pessoas presentes, assim como nos doces e alimentos oferecidos aos participantes e observadores.

---

<sup>1</sup> como é chamado dentro da casa o *axerô* do orixá Ogum. Aixerô é um estado no qual o médium aproxima a sua consciência e o orixá se afasta, produzindo uma incorporação intermediária a retomada de consciência do médium.

<sup>2</sup> que significa a Terra onde os humanos habitam. É a antítese de Orum, o céu celestial onde vive Olorum (deus da criação).

<sup>3</sup> Local onde ficam os assentamentos dos orixás.

## 4. CONCLUSÕES

A forma lúdica de aprendizado no pequeno tambor capacita a criança a aprender a relacionalidade correta para afetar de maneira efetiva os rituais dentro da casa afro-religiosa. A diferença entre o tamborzinho e o tambor vai além do tamanho e está relacionado a uma categoria êmica de não-humanos "crus" e "preparados". Podemos expandir essa relação para os humanos, que podem ser iniciados ou não, categorias que prescindem certos comportamentos e relações com não-humanos. O tambor faz com que a relacionalidade entre tambor e *alabê* seja efetiva e "afete" a todos dentro da terreira, humanos e não-humanos. Portanto, o tambor é capaz de gerar comportamentos nos humanos e não-humanos, experienciados de maneira sensorial e sonora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESCOLA, Philippe. **Más allá de naturaleza y cultura**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.
- GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo. **La experiencia del Otro**: una introducción a la etnoarqueología. Madrid: Ediciones Akal, S. A., 2003.
- GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo. Hacia otra arqueología: diez propuestas. In: **Comptum**, 2012, n. 2, v. 23, p. 103-116.
- INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.
- INGOLD, Tim. Rethinking the animate, re-animating thought. **Ethnos: Journal of Anthropology**, 2006, 71:1, 9-20.
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: Ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1994.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.
- LAW, John. "Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity." **Systems Practice** 5, 1992, p. 379-393.
- RABELO, Miriam C. M. Cuidar do santo: orientação prática e sensibilidade no traçado de relações entre pessoas e orixás. In: *33º Encontro Anual da ANPOCS*, Mesa 14: "Saberes, éticas e políticas das religiões afro-americanas (Brasil e Cuba)", 2009, pp. 1-25.
- RIBEIRO, Loredana. Gênero, tecnologia e temporalidade na mineração tradicional (Brasil, séculos XIX e XX). **Revista de Arqueología Suramericana**, 2014 (no prelo).
- STRATHERN, Marilyn. "Cutting the Network". In: **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, Vol 2, No. 3, set/1996